# SEGUNDA-FEIRA, 07H28

# 1

Ela apreciava mais esperar pela onda do que cavalgar a onda. Voltada para as falésias, sentada sobre a prancha com uma perna de cada lado, as ancas a acompanhar o ritmo do sobe e desce da superfície. Montando-a como a um cavalo, recordando-lhe o seu cavalo *Kaupo Boy* quando era criança. Houve lugar a uma reverência pelo momento prévio à série de ondas seguinte e estava na hora de se concentrar e dar aos braços.

Consultou o relógio. Ainda conseguiria encaixar mais uma. Iria levá-la até ao fim se lhe fosse possível, mas saboreou o momento de simplesmente boiar, fechando os olhos e inclinando a cabeça para cima. O sol estava logo acima das falésias e aqueceu-lhe o rosto.

— Nunca te vi aqui antes.

Ballard abriu os olhos. Era o tipo da prancha da One World. Um surfista da velha guarda, sem fato, sem corda de segurança, a pele bronzeada num tom de cerejeira escuro. Ela preparou-se para o que sabia que viria a seguir: pose territorial de macho.

— Por norma surfo em Topanga — esclareceu ela. — Mas hoje de manhã não estava a dar.

Não referiu que consultou uma aplicação de ondas. Os da velha guarda nunca olhariam para uma aplicação.

Ele estava a pouco mais de cinco metros à esquerda dela, a cavalgar as ondas baixas de lado para se manter a olhar para ela. As mulheres

rareavam em Staircases. Era um pico para rapagões. Imensas rochas com a maré baixa. Era preciso saber bem o que se fazia e Ballard sabia. Não se atravessara no tubo de ninguém, nem saíra demasiado cedo de uma onda. Se aquele tipo ia tentar dar-lhe lições, iria calá-lo em três tempos.

— Chamo-me Van — apresentou-se ele.

— Renée — disse ela.

— Então, depois queres ir tomar o pequeno-almoço a Paradise Cove?

Um pouco precipitado, mas tudo bem.

— Não posso — disse ela. — Faço mais uma série e depois tenho de ir trabalhar. Mas, obrigada.

— Fica para a próxima — disse Van.

Antes de a conversa se tornar mais embaraçosa, alguém mais ao fundo na fila começou a remar, alinhando a sua prancha com uma onda em aproximação. Foi como um pássaro a assustar-se e a lançar todo um bando para os céus. Ballard espreitou por cima do ombro e viu que o próximo conjunto se aproximava a entrar alto. Lançou-se para a frente e puxou as pernas para cima da prancha. Começou a dar aos braços. Braçadas profundas, dedos unidos para obter velocidade. Escavando. Não queria perder a onda, não diante de Van.

Espreitou para a esquerda e viu-o a remar com as braçadas ao ritmo das dela. Ia pressioná-la, mostrar-lhe de quem era aquele pico.

Ballard remou com mais intensidade, sentindo os ombros a arder. A prancha começou a subir com a onda e ela fez o seu movimento, saltando para se agachar na linha central. Posicionou o pé esquerdo atrás e aguentou-se enquanto a onda se elevava. Forçou a frente para baixo e começou a cortar a face da onda.

Ouviu a voz de Van na sua esteira, chamando-lhe Canhota de Pés.

Ela estendeu as mãos para se equilibrar, com o calcanhar fez a prancha virar e subiu a parede antes de a cortar para baixo e a apanhar. Ao longo de oito segundos o mundo desapareceu. Era apenas ela e o mar. A água. Nada mais.

Deslizava na espuma quando se lembrou de Van e olhou para trás à sua procura. Não se encontrava à vista e então a sua cabeça emergiu da

rebentação a par da prancha vermelha. Ele ergueu o braço e Ballard anuiu com a cabeça para se despedir. Saiu do mar, pegou na prancha e afastou-se da zona de rebentação.

Tinha o fato de mergulho baixado até às ancas quando contornou as dunas para chegar ao parque de estacionamento. A combinação de sol e vento já lhe secava a pele. Apoiou a prancha na lateral do *Defender* e enfiou a mão sob a cavidade do guarda-lamas da roda traseira para retirar o estojo das chaves.

Desaparecera.

Agachou-se e olhou para o alcatrão em volta do pneu em busca da caixa magnética.

Não se encontrava ali.

Inclinou-se, olhando para o interior do espaço da roda, na esperança de ter posto a caixinha no sítio errado.

Mas desaparecera.

— Foda-se!

Ergueu-se rapidamente e dirigiu-se à porta. Puxou o manípulo e a porta abriu-se, tendo sido deixada destrancada.

— Foda-se, foda-se, foda-se!

Deu com a chave e a caixa magnética no assento do condutor. Reparou no porta-luvas aberto. Debruçou-se, enfiou o braço por baixo do assento e varreu a mão de um lado para o outro sobre o tapete.

O seu telemóvel, arma, carteira e crachá tinham desaparecido. Enfiou ainda mais a mão sob o assento e puxou as algemas e uma pistola *Ruger* de tornozelo de sete balas que pelos vistos passaram despercebidas ao ladrão.

Levantou-se e olhou em redor pelo parque de estacionamento. Não se via ali ninguém. Apenas uma fila de carros e caravanas pertencentes aos surfistas que permaneciam na água.

— Que grande merda! — exclamou.

# 2

Roubada a sua carteira onde guardava os documentos de identificação, Ballard não teria como passar pelo torniquete na entrada do Centro Ahmanson da LAPD*, pelo que seguiu de carro até ao parque de estacionamento sobrelotado por detrás do enorme centro de treino e ligou a Colleen Hatteras a partir do seu novo telefone. Hatteras atendeu num tom urgente.

— Renée, onde estás? A reunião da unidade não era às nove?

— Estou no parque das traseiras. Colleen, preciso que vás ter comigo à saída de emergência.

— Tens a certeza? Se o capitão…

— Tenho. Abre lá a porta que eu trato do capitão. Já chegou toda a gente?

— Hum, sim, acho que o Anders foi ao refeitório, mas não referiu nada quanto a sair.

— *Okay*, diz ao Tom ou ao Paul para o irem buscar enquanto me abres a porta, estou lá em dois minutos.

— Bem, o que se passou? Não ligaste nem atendeste as nossas chamadas. Começávamos a ficar preocupados.

* LAPD significa Los Angeles Department Police, ou seja, Departamento de Polícia de Los Angeles. *[N.T.]*

Ballard desceu do *Defender* e avançou para a porta das traseiras do complexo. Já estava a cansar-se de Colleen e o dia ainda mal começara.

— Calma, Colleen — disse ela —, está tudo bem. Perdi o telemóvel e a carteira na praia. Tive de ir a casa buscar um cartão de crédito e depois passei na Apple Store para comprar um telefone novo. Por isso, por favor, abre a porta. Estou mesmo a chegar e vou desligar.

Pôs fim à chamada antes de Colleen poder responder, algo que Ballard sabia que faria. Avançou até à saída de emergência, fechando mais o casaco, assim talvez não se tornasse tão evidente que não trazia o crachá afixado ao cinto.

Colleen abriu a porta e soou um alarme de furar os tímpanos. Ballard entrou rapidamente e fechou a porta, interrompendo o som.

— Como é que perdeste o telefone e a carteira? Foram roubados?

— É uma longa história. Estão cá todos?

— O Tom foi buscar o Anders.

— Perfeito. Começamos assim que regressem.

A saída de emergência situava-se por detrás dos arquivos de homicídios. Encaminhando Colleen, Ballard percorreu toda a fila na retaguarda das estantes até à zona da Unidade de Casos Abertos e Por Resolver. O centro desta área era dominado pela «jangada» — oito secretárias interligadas com separadores entre elas para providenciar privacidade. As paredes laterais da divisória estavam cobertas por armários de arquivo e quadros brancos pendurados, onde eram acompanhadas as investigações em curso.

— Peço desculpa pelo atraso — disse Ballard ao chegar à secretária na ponta da jangada. — Começamos mal cheguem o Tom e o Anders.

Ballard sentou-se e acedeu ao seu terminal de computador do município. Transpôs o portal com a palavra-chave do departamento e acedeu à base de dados com os relatórios de crimes do todo o condado. Procurou relatórios de furtos a viaturas em praias da zona e depressa deu por si a ver várias ocorrências. A partir daqui, pôde elaborar uma lista de furtos que ocorreram em praias de eleição para *surf*. De Trestles a Dockweiler, Ballard surfava a costa do Sul da Califórnia desde os dezasseis anos. Conhecia todos os picos e detetou um padrão de relatórios

de FVCM — furtos a viaturas com motor — a ocorrer em lugares onde as zonas de estacionamento não eram visíveis do mar.

Tal indicou-lhe três coisas. Primeiro, seria provavelmente o mesmo ladrão ou grupo de ladrões. Segundo, sabiam de *surf*, sendo possivelmente eles próprios surfistas. Terceiro, dado que os furtos decorreram de uma ponta à outra da costa em diversas jurisdições policiais, o padrão não fora detetado pelas forças da lei. Os furtos foram encarados como crimes isolados.

Ballard começou a ler os resumos dos relatórios para ver se alguma testemunha vira algo que pudesse ser útil, se fora detetada a impressão digital de algum suspeito ou se houve algum acompanhamento aos relatos iniciais dos crimes. Nenhum dos furtos fora suficientemente grande para atrair as atenções das forças da lei. Carteiras, telemóveis, dinheiro e uma ou outra prancha de *surf* era o principal material furtado. Ballard sabia que, encarados em separado, estes casos morriam a par do relatório inicial. Tal como ditava o protocolo, iriam parar algures a uma secretária de furtos a automóveis, mas sem uma descrição do suspeito, uma impressão digital ou até uma matrícula parcial de uma viatura em fuga, os relatórios acabariam na grande bocarra em redemoinho de crimes menores que não mereciam muita atenção do aparelho de justiça criminal. Era a história da era moderna. Os relatórios eram elaborados principalmente devido a questões relacionadas com seguros. No que dizia respeito à aplicação da lei era mero desperdício de papel.

Colleen enfiou a cabeça por cima do murete que separava a secretária de Ballard da sua. Do seu ângulo de visão, não via o ecrã de Ballard.

— E então, em que trabalhas? — quis ela saber.

Ballard saiu da sua busca.

— Estava só a consultar o *email* — respondeu. — Está toda a gente a postos?

— O Anders já chegou — informou Colleen.

Ballard levantou-se para dirigir a palavra à equipa.

# 3

Com a exceção de Ballard, uma agente que prestara juramento destacada a tempo inteiro, todos os outros elementos da Unidade de Casos Abertos e Por Resolver eram voluntários. Dois anos antes, no seguimento de uma tendência nas forças da lei, que por todo o país desafiara departamentos de polícia com problemas orçamentais a recorrerem a detetives aposentados para investigar casos arquivados, Ballard fora nomeada responsável pela anteriormente designada «Unidade Naftalina». Era também a responsável pelo recrutamento, ou seja, cabia-lhe convencer pessoas a contribuir com o seu talento para o nobre esforço pelo menos uma vez por semana, com cinquenta dólares mensais para cobrir despesas. Alcançara por fim um ponto em que se deu por satisfeita com a equipa que formara.

Reunidos na jangada encontravam-se Tom Laffont, agente reformado do FBI; Lilia Aghzafi, que cumprira vinte anos de serviço na polícia metropolitana de Vegas; e Paul Masser, antigo procurador na procuradoria-distrital. Colleen Hatteras nunca fora agente da polícia. Ficara em casa a criar as filhas viciou-se em genealogia genética, e fez cursos *online* sobre a utilização da mesma na aplicação da lei. Era incansável no teclado… e a intrometer-se na vida pessoal dos outros elementos da equipa, com um interesse particular em Ballard. Era também, como gostava de apregoar, empática e nunca se escusava a manifestar os sentimentos que nutria pelas pessoas. Ballard aceitava

isso com relutância dadas as competências de Colleen na abordagem dos casos.

O elemento mais recente da unidade era Anders Persson, ainda mais atípico do que Hatteras. A sua experiência em termos de aplicação da lei limitava-se a trabalho voluntário nas autoridades policiais suecas na sua terra natal, Estocolmo. Só que Persson, com apenas vinte e oito anos, geria à noite uma empresa de *software* com sede em L.A., enquanto durante o dia dava apoio à unidade. Enquanto Hatteras era perita em vasculhar histórias de famílias e ligações genéticas, Persson era a pessoa a quem se recorria no que tocava a navegar a Internet e descobrir gente que se dera a um extremo esforço para evitar ser encontrada. Juntos, Hatteras e Persson formavam uma equipa fantástica que complementava os elementos da unidade que contavam com efetiva experiência policial e investigativa. E apesar de a unidade e Ballard ainda recuperarem de um grave golpe nas respetivas reputações, em função de um caso prévio que resultara mal, Ballard sentiu que a equipa zumbia agora como um motor bem oleado. A jangada dispunha de espaço para mais dois voluntários, mas Ballard sentia-se satisfeita com o que alcançavam. A unidade, em média, limpava três casos arquivados de homicídio por mês. Era uma gota no oceano em comparação com os seis mil casos de homicídio por resolver armazenados nas prateleiras do arquivo atrás da jangada, mas tratava-se de um começo válido.

Ballard avançou até à parede dos quadros brancos para dar início à reunião. Por norma, teria deixado o *blazer* sobre a cadeira, mas hoje não o despiu para ocultar o facto de não trazer o crachá.

Quatro quadros dispostos lado a lado eram utilizados para acompanhar casos em determinado nível de desenvolvimento. Todas as segundas-feiras de manhã, a equipa reunia para discutir os respetivos progressos. O primeiro quadro apresentava todos os casos que contavam com provas a serem submetidas a análise forense e tecnológica. Isto significava numa primeira fase ADN, impressões digitais e, por vezes, balística. A aplicação do ADN em acusações criminais só fora aprovada pelos tribunais da Califórnia no início dos anos 1990 e a análise genética sofrera grandes avanços em anos recentes. Tal possibilitou

que casos por resolver das últimas três décadas do século passado se revelassem um terreno fértil a explorar. Adicionalmente, as bases de dados de impressões digitais também se expandiram imenso. As de balística não acompanharam este ritmo de desenvolvimento e não eram tão úteis, mas não podiam ser ignoradas em casos com armas.

O que abafava o bem afinado motor da unidade era o facto de muitos casos serem tão antigos que os assassinos que a equipa identificava já se encontravam mortos ou encarcerados. Trazia respostas a famílias enlutadas, mas dava uma sensação de justiça um pouco tardia. E aos elementos da equipa de Casos Abertos e Por Resolver era negado o que qualquer investigador queria e necessitava no final de um caso: a possibilidade de confrontar o demónio por detrás do crime. Era por isso que os ditos «casos vivos» — onde se acreditava que o assassino se encontrasse por aí vivo e à solta — eram as investigações atrás das quais a equipa corria. Apesar de o arquivo conter registos de casos por resolver desde o início do século XX, Ballard orientava a equipa para trabalhar apenas em casos registados a partir de 1975.

Ballard observou com atenção o primeiro quadro para verificar se fora acrescentado algum caso novo. Quando não trabalhava numa investigação em curso, cada elemento da equipa era incumbido de ir buscar casos ao arquivo para os rever a pensar num eventual acompanhamento.

— Muito bem, alguém acrescentou algo à nossa lista em curso? — questionou ela.

Depois de uma rodada de respostas negativas, Laffont ergueu a mão.

— Acho que esta semana tenho um para acrescentar — disse ele. — Conto ter novidades hoje da parte da Darcy… se tiver sorte.

Darcy Troy era a técnica de ADN que lidava com casos da Unidade de Casos Abertos e Por Resolver. Era bom ter alguém a quem recorrer no laboratório, só que Troy não estava destacada unicamente para os casos da unidade. Investigações em curso eram sempre a prioridade e Troy tinha de lidar primeiro com as análises desses casos, antes do que quer que viesse da jangada. Por vezes, a espera era frustrante.

— Qual é o caso? — questionou Ballard.

— Abuso sexual e homicídio em 1991 — esclareceu Laffont. — Um caso dos maus. Nenhum é bom, na verdade, mas o tipo agrediu-a várias vezes antes de a estrangular. Ejaculou fora do corpo, mas deixou algo na roupa dela. A Darcy tem isso. Na semana passada ela disse que teria algo esta semana.

— Ótimo — disse Ballard. — Como se chama a vítima?

— Shaquilla Washington — informou Laffont. — Um caso da zona sul. Na altura não foi alvo de grande atenção.

Ballard assentiu com a cabeça. Não era necessário dizer que os arquivos estavam desproporcionalmente carregados com casos que não receberam grande atenção por pertencerem a comunidades minoritárias das zonas sul e leste da cidade. Tal podia dever-se em parte ao facto de haver mais homicídios nessas comunidades e as cargas de trabalho dos detetives locais serem as mais pesadas da cidade. Mas podia explicar-se também por falta de empenho na defesa dessas comunidades e por uma ausência de empatia pelas vítimas. Ballard não dera por nenhuma dessas lacunas em Laffont. Quando ele dispunha de tempo para ir aos arquivos buscar casos para revisão, com frequência procurava relatórios da zona sul. Era um branco a caminho dos sessenta anos e raramente trabalhara na zona sul enquanto agente do FBI destacado para a filial de Los Angeles. Encarava o seu esforço atual como uma forma de equilibrar parcialmente os pratos da balança. Ballard respeitava-o por isso.

— Com sorte, a Darcy há de desencantar algo — comentou Ballard.

Continuou a analisar os quadros e os casos com a equipa, acabando por chegar ao derradeiro quadro, que apresentava os casos mais ativos em termos de detenções, acusações e encerramentos pendentes. O último caso da lista pertencia a Masser.

Envolvia o assassínio de uma caixa de uma loja de conveniência em 1997. Um homem com máscara de esqui entrou no estabelecimento, disse à funcionária para despejar no balcão todo o dinheiro da caixa registadora e deu-lhe um tiro no peito, matando-a instantaneamente. O homem saltou então para um carro que o aguardava e fugiu. Segundo várias testemunhas no interior e exterior da loja, quem o

aguardava no carro da fuga era uma mulher branca de cabelo preto comprido. A viatura foi descrita como um sedã *bordeaux* e uma testemunha facultou os dois primeiros dígitos da matrícula.

Havia uma câmara de vídeo no interior da loja e uma análise à gravação revelou que a arma foi disparada enquanto o suspeito recolhia o dinheiro que a funcionária depositara sobre o balcão. Parecera tratar-se de um disparo acidental que assustara o próprio atirador; ele deu a volta e fugiu, deixando para trás metade do dinheiro.

Os dígitos da matrícula e a descrição do carro acabaram por encaminhar os investigadores, através dos registos de motor da viatura, a um homem chamado Donald Russell, que detinha um *Honda Accord bordeaux* com uma matrícula que começava com esses dois dígitos. Russell estava desempregado e tinha historial de detenções relacionadas com estupefacientes. Vivia com a mulher, que também tinha registos de detenções por droga. Ela, contudo, tinha o cabelo louro e curto. Ambos foram interrogados, mas negaram envolvimento no roubo e homicídio. Facultaram um álibi que a investigação nunca logrou provar ou contestar. Os detetives levaram o caso à procuradoria-distrital, mas os procuradores não quiseram avançar com a acusação alegando que não havia provas convincentes para convencer um júri e obter um veredicto de culpado. Mas não foram apresentadas mais provas e o caso caiu no esquecimento — até Paul Masser, da Unidade de Casos Abertos e Por Resolver, retirar a pasta do homicídio de uma prateleira dos casos arquivados.

Masser analisou o caso e depressa percebeu que não contava com o tipo de provas tradicionais capazes de ressuscitar um caso arquivado. Não havia impressões digitais nem ADN do local do crime. A bala fora recolhida do cadáver da assistente de caixa, mas de nada serviu para a tecnologia balística moderna pois achatara ao atingir a coluna da vítima, o que a inutilizou em termos de comparação com balas no NIBIN, a base da dados nacional de balística. E também nunca fora recuperada qualquer arma que permitisse a comparação da bala.

Masser localizou os suspeitos, ainda a viverem em Los Angeles, e veio a saber duas coisas que se poderiam revelar úteis um quarto

de século após o assassínio. A primeira foi que o casal já não era casal; divorciaram-se cinco anos depois do crime. A segunda, algo que descobriu através das redes sociais, foi que a agora ex-mulher, Maxine Russell, era uma viciada em recuperação que completara recentemente vinte anos de sobriedade, segundo a sua página do Facebook.

Masser, aproveitando a sua experiência enquanto procurador, sabia que o divórcio do casal significava que o privilégio legal do cônjuge já não se aplicava. Dizia a regra que uma esposa ou marido não poderiam testemunhar contra o cônjuge sem a aprovação do mesmo. Mas a proteção era limitada ao período que durasse o casamento, o que significava que havia uma oportunidade de pôr a mulher contra o seu ex-marido. Masser, socorrendo-se da sua experiência com um familiar viciado em recuperação, sabia também que a maioria dos programas de reabilitação encorajavam os participantes a manterem um diário como parte integrante dos seus passos rumo à sobriedade.

Com a informação reunida na investigação original, Masser esboçou um mandado de busca ao apartamento onde Maxine Russell agora vivia e convenceu um juiz a assiná-lo. O mandado incluía todos os diários e documentos escritos pela suspeita, assim como as fotos de família que mostrassem Maxine com cabelo preto comprido. Numa prateleira na sala de estar, Masser deu com vários diários que Maxine alimentou ao longo de anos de sobriedade. Uma entrada descrevia o assalto que correu mal e outra manifestava a culpa de Maxine por ter estado envolvida na morte de uma pessoa, embora alegando que se tratara de um acidente. Além disso, um álbum de fotografias encontrado num armário continha fotos de Maxine dos seus tempos de criança. Em muitas, tinha cabelo comprido preto.

Maxine fora detida duas semanas depois e ainda permanecia na prisão, incapaz de pagar uma fiança estabelecida em dois milhões de dólares. O departamento mantivera discrição na detenção e até ver o caso escapara às atenções dos *media*. Chegara o momento de Masser avançar com a segunda parte da estratégia do caso.

— Esta tarde vou encontrar-me com o John — contou Masser ao grupo. — Vamos falar com a advogada da Maxine para ver se ela quer

negociar. Ao fim de duas semanas, estará provavelmente a perceber que não quer passar o resto da vida na cadeia.

John era John Lewin, o procurador-adjunto destacado para processar os casos da Unidade de Casos Abertos e Por Resolver. Na cobertura noticiosa que os casos arquivados resolvidos com frequência atraíam, os *media* locais chamaram-lhe «O Rei dos Casos Arquivados».

— Ela ligou da prisão ao ex-marido? — quis saber Ballard.

— Não através das linhas gravadas — disse Masser. — Duvido que ele saiba que ela foi detida.

— O que lhe vai propor o John? — questionou Laffont.

— Não sei por onde vai começar, mas disse-me que iria até à imunidade total — disse Masser. — Se ela entregar o ex.

— E achas que ela alinha nisso? — perguntou Laffont.

— Sim, acho — respondeu Masser. — Tentei deitar a mão à documentação do divórcio, só que está selada. Mas, desde o divórcio, por duas vezes ela pediu uma ordem de restrição contra ele. Não me parece que ainda nutra muito amor por ele. Vai ceder.

— Assim espero — disse Ballard. — Avisa-me mal saibas.

— Entendido — reagiu Masser.

— Pronto, então é isto — disse Ballard. — Desculpem o atraso e agradeço por todos terem esperado. Toca a escavar e desenterrar casos interessantes.

Ballard terminava sempre a reunião semanal com a mesma mensagem, retirada de uma canção dos Muse que adorava: «Dig Down». As palavras «Escava Fundo» liam-se numa placa na parede do gabinete dela. Era o seu código, tanto no que tocava à vida como aos casos.

# 4

De volta à sua secretária, Ballard pegou num dos relatórios de crimes que analisara antes. Este era relativo ao furto a um carro que ocorrera no pico de Topanga há uns meses. O que a fez voltar ao caso foi a nota do agente no resumo de que havia um vendedor de fruta no parque de estacionamento onde se dera o crime. O vendedor contou que nada vira, mas o agente anotara o nome e o número de telefone para acompanhamento. Ballard copiou para um pequeno bloco a informação sobre o vendedor e a vítima do furto. A vítima chamava-se Seth Dawson. Ele indicou que além do seu *iPhone* novo em folha, também foi levado um relógio *Breitling* no valor de três mil dólares que lhe fora oferecido pelo pai. Esses dois artigos elevavam o caso de furto simples para o território de crime grave.

Enquanto voltava a guardar o bloco no bolso do casaco, Colleen enfiou outra vez a cabeça por cima da divisória da parede.

— Esqueceste-te de algo hoje? — questionou.

Ballard recordou de imediato a reunião do pessoal e questionou-se quanto ao que poderia ter deixado escapar.

— Não me parece — respondeu. — Tipo o quê?

Colleen baixou o tom de voz para um segredar conspirativo.

— Tipo, o teu crachá, por exemplo.

Ballard levou a mão à anca direita como se tentasse apalpar o crachá no cinto.

— Merda, tens razão — disse. — Está no carro por baixo do assento. Pego-lhe quando sair. Obrigada pelo aviso, Colleen.

— Sempre às ordens — disse Hatteras.

Uma das duas linhas do telefone de mesa de Ballard começou a piscar.

— Podes atender? — pediu a Colleen.

— Claro — respondeu Hatteras.

Baixou-se, desaparecendo da vista e atendeu o telefone. A seguir, falou com Ballard sem enfiar a cabeça acima da divisória.

— É a Darcy Troy na linha um — anunciou. — Disse que era importante.

Ballard premiu o botão e atendeu o telefone.

— Darcy, deixa-me adivinhar. Shaquilla Washington?

— Shaquilla Wa…? Não, é sobre outra coisa. Acabámos de obter um tiro certeiro no caso do Violador da Fronha.

Ballard nada disse enquanto sentia um dedo gelado a percorrer-lhe espinha.

— Renée?

— Sim, desculpa, estou aqui. Onde é que eles o têm?

— Eles não o têm. Foi uma descoberta na busca familiar que levaste a cabo no ano passado.

— Conta-me.

— Um tipo foi detido pela Divisão de West Valley por violência doméstica. Foi recolhido ADN dele e enviado para o Departamento de Justiça. Deu uma correspondência familiar no caso Abby Sinclair.

Foi um dos primeiros casos que Ballard submeteu para análise genética comparativa depois de restaurar a unidade dois anos antes. O Violador da Fronha aterrorizara a cidade ao longo de cinco anos a começar na viragem do século. Dezenas de mulheres foram atacadas nas suas casas. Todas elas estavam a dormir e acordaram quando lhes era enfiada uma fronha pela cabeça, impedindo que vissem o atacante. Depois da violação, ele sufocava as vítimas até as deixar inconscientes, atando-lhe pernas e mãos com algemas de plástico e fugindo.

Foi formado um grupo de trabalho, mas nunca houve detenções. O reino de terror culminou no homicídio de Abby Sinclair, a última

vítima conhecida, em 2005. Ele foi demasiado longe com Sinclair, sufocando-a até à morte após a agressão sexual. Depois disso, os ataques pararam e o Violador da Fronha sumiu.

— Então, tratou-se de uma correspondência familiar — frisou Ballard. — Qual a proximidade?

— Imensa — respondeu Troy. — Este tipo que foi detido será provavelmente filho do Violador da Fronha.

Ballard anuiu com a cabeça. Sentiu a batida do coração a intensificar conforme a adrenalina palpitava no seu sangue.

— Há quanto tempo foi feita a detenção por violência doméstica?

— Há nove semanas.

— Uau!

— É o tempo que demora a processar as recolhas de ADN das detenções e a lançá-las no sistema do Departamento de Justiça. Não tem prioridade ao nível do ADN de um local de crime. Graças a Deus que fizeste aquela busca familiar.

Ballard juntara-se ao departamento, esteve na academia e, mais tarde, a fazer patrulha de giro nos anos em que o Violador da Fronha aterrorizara a cidade. Ela e a sua parceira foram as primeiras a chegar ao local aquando do homicídio de Abby Sinclair. Fora o primeiro homicídio de Ballard e, apesar de se terem seguido muitos, a imagem do corpo despido de Abby Sinclair na sua cama, com a fronha enfiada sobre a cabeça, nunca mais a largou. Foi o primeiro que retirou da prateleira na biblioteca das almas perdidas — o aquivo de homicídios.

— Muito bem, Darcy — disse ela. — Passa-me o que tens sobre o caso de violência doméstica.

Ballard anotou as informações, agradeceu a Troy pelo telefonema e desligou. Levantou-se para ver quem restava na jangada. Apesar de as reuniões de pessoal à segunda-feira de manhã serem obrigatórias, só era exigido aos investigadores que trabalhassem um dia por semana e por norma eram dispensados depois da reunião, preferindo cumprir as suas horas noutros dias. Ballard viu apenas Hatteras e Persson. Sabia que Aghzafi gostava de trabalhar às quintas ou sextas e Masser provavelmente saíra para se encontrar com o procurador

e o advogado de defesa do caso de Maxine Russell. Laffont não se encontrava à vista, mas Ballard alimentou a esperança de que tivesse saído apenas para um café ou para ir à casa de banho, pois iria precisar dele.

— Muito bem, Anders, Colleen, escutem — disse ela. — Temos aqui um tiro certeiro que quero que seja analisado detalhadamente.

Consultou as suas anotações antes de prosseguir.

— Quero que analisem um tal de Nicholas Purcell, nascido a 29 de janeiro de 2000. Foi detido por violência doméstica há cerca de nove semanas em West Valley. Quero saber tudo e mais alguma coisa sobre ele: onde vive, onde trabalha, o crime de violência doméstica, tudo.

— Qual é o caso? — quis saber Persson.

— Há cerca de vinte anos havia um agressor em série conhecido por Violador da Fronha — contou Ballard. — Atacou várias mulheres ao longo de cinco anos. Refiro-me a dezenas de vítimas. Até que acabou por matar uma e desapareceu do mapa. Nunca foi apanhado. Esse homicídio… é o nosso caso.

— Mas, espera lá — disse Hatteras. — Se o Nicholas Purcell nasceu em 2000, então ele…

— Não pode ser o nosso tipo — concluiu Ballard. — Isso é verdade, não é ele. O pai dele é que é. Temos uma correspondência familiar. O pai do Purcell é o Violador da Fronha. Através do filho, vamos encontrá-lo, obter o ADN dele e partir daí.

— Excelente — comentou Persson.

Ballard olhou por momentos para ele, sem perceber que parte o sueco achara excelente. Atribuiu isso ao facto de o inglês ser a sua segunda língua. Ela assentiu e então partiu na direção dos arquivos, escutando pelo caminho Hatteras e Persson a discutirem a distribuição do trabalho na sua tarefa.

Os casos nos arquivos estavam organizados primeiro por ano e depois alfabeticamente pelos apelidos das vítimas. Ballard teve de rodar as estantes para aceder aos casos de 2005. O arquivo de homicídio de Abby Sinclair era na verdade uma caixa de homicídio. Continha registos da investigação de homicídio e das quarenta e seis agressões

sexuais iniciadas em 2000. Tratava-se de uma caixa de cartão com pegas. Ballard puxou-a da estante e transportou-a até à sua secretária.

Hatteras e Persson encontravam-se nas suas respetivas cadeiras à espera dela quando saiu dos arquivos. Ballard ainda não era capaz de interpretar Persson tão bem quanto fazia com Hatteras ao fim de dois anos a trabalharem juntos. E a interpretação que estava a fazer no momento era de que se passava algo de errado.

— O que foi? — quis ela saber.

— Bem, descobrimos o Nicholas Purcell — revelou Hatteras. — Também achamos que temos o pai dele.

— Foi rápido. E qual é o problema?

— Espreita. — Hatteras levantou-se para dar acesso a Ballard ao seu monitor. Ballard pousou a caixa de arquivo do homicídio no assento da sua cadeira e debruçou-se para olhar para o ecrã. Era uma foto na página de Facebook de Nick Purcell, vendo-se uma família em volta de um bolo de aniversário. — Recuei três anos para dar com isto — revelou Hatteras.

— Muito bem, e estou a olhar para o quê? — quis saber Ballard.

— Lê a legenda — indicou Hatteras. — Trata-se do vigésimo primeiro aniversário do Nick. O pai dele está à direita.

Ballard observou com atenção o pai. Foi tomada por uma leve sensação de reconhecimento, mas não sabia onde o poderia ter conhecido. Parecia ter ar de alguém com uns cinquenta anos e em forma, com um rosto corado e um grande cabelo negro. Usava uma camisa de golfe às riscas com mangas justas em voltas dos bíceps.

— Quem é ele? — questionou Ballard.

— É um juiz — respondeu de pronto Persson, batendo Hatteras em cima da meta.

— É o juiz-*presidente* do Supremo Tribunal de Los Angeles — acrescentou Hatteras. — O Honorável Jonathan Purcell.

Ballard percebeu então como o conhecia.

— Sacaste o relatório de violência doméstica? — perguntou ela.

— Está aqui — respondeu Persson. — Mas tenho de te avisar já, nunca foi preenchido.

— Recusado pela procuradoria-distrital — contou Hatteras. — Talvez o juiz os tivesse na mão.

Ballard lançou-lhe um olhar a avisar que era perigoso dizer coisas assim.

Avançou até à secretária de Persson e debruçou-se para ler no ecrã dele. Persson levantou-se e ela sentou-se para passar os olhos pelo resumo escrito pelo agente responsável pela detenção. Procurava os detalhes do alegado ataque e o que levara a que subisse ao nível de crime grave. A vítima fora identificada como sendo Sara Santana, de vinte e um anos, que disse que o seu namorado Nicholas Purcell se zangara e a esganara até perder a consciência depois de ela ter chegado tarde do trabalho. Ballard avançou ainda mais para ver que provas, se as houvesse, tinham sido recolhidas. Indicava que o agente tirara fotografias do pescoço da vítima e da mão esquerda dela porque ela dissera ter partido duas unhas ao esforçar-se por retirar as mãos de Purcell do seu pescoço.

— As fotos não estão no relatório? — perguntou ela.

— Não há fotos — esclareceu Persson.

— Era suposto estarem aqui? — questionou Hatteras.

— Se o agente as captou com o telemóvel dele, deveriam estar anexadas — explicou Ballard. — Faz parte do protocolo em chamadas domésticas.

— Questiono-me se ele o fez e se o procurador as viu — disse Hatteras.

— É precisamente essa a questão — disse Ballard. Levantou-se, foi à caixa do homicídio, pegou-lhe e levou-a para a sua escrivaninha. — Muito bem, ouçam — disse. — Nenhum de vocês fala deste caso fora da sala. Mais ninguém fica a saber do caso, do juiz, nem de nada. Entendido?

Hatteras e Persson anuíram com seriedade.

— Ótimo — disse Ballard. — Anders, envia-me esse relatório.

Pousou a caixa na sua secretária e retirou a tampa. Continha seis pastas de plástico, guardadas ao alto na caixa, com as datas assinaladas e ordenadas. Recordou da sua primeira olhadela à caixa há dois anos

que as cinco primeiras pastas eram relatórios do grupo de trabalho sobre a série de ataques atribuídos ao Violador da Fronha. A sexta pasta era dedicada ao derradeiro caso, o assassínio de Abby Sinclair. Retirou essa da caixa e sentou-se para voltar a familiarizar-se com a investigação de homicídio.

Mas, antes de abrir a pasta, foi à sua lista de contactos do telemóvel e ligou a Laffont.

— O que se passa, Renée?

— Já foste embora?

— Sim, pensei que já tínhamos acabado. Vou almoçar com um amigo. Estava a planear regressar quando tivesse novidades da Darcy sobre o meu caso. Faço as minhas horas depois disso.

— Preciso que regresses depois do teu almoço. Recebemos umas informações quentes às quais quero dar seguimento hoje.

— Ah, com certeza. Se quiseres posso voltar já. Estou só a dez minutos daí. Parei para falar com o capitão LaBrava. Ele apanhou-me no parque de estacionamento e perguntou pelo alarme da nossa porta esta manhã.

LaBrava era o comandante operacional do Centro Ahmanson. Isso deixava-o à frente do edifício, mas não da Unidade de Casos Abertos e Por Resolver, que se encontrava na jurisdição da Divisão de Roubos e Homicídios da Baixa.

— Credo, esse tipo e a porta das traseiras — comentou Ballard. — Não tem coisas mais importantes com que se preocupar?

— Devia ter — disse Laffont. — Mas acho que já o deixei mais descansado. Disse que tínhamos um lagarto nos arquivos que estávamos a tentar salvar pondo-o lá fora o mais depressa possível.

— Um lagarto? E ele caiu nessa?

— Não sei, mas dei-lhe um motivo para esquecer o assunto. Acho que não volta ao mesmo.

— Veremos.

— E então, que tiro certeiro é esse?

Ballard contou-lhe que um dos primeiros casos que ela, como chefe de unidade, enviara para o laboratório para comparação de ADN familiar

acabara de gerar uma correspondência. E isso levou ao juiz-presidente do Supremo Tribunal de Los Angeles.

Laffont assobiou, suficientemente alto para Ballard ter de afastar o telemóvel do ouvido.

— Alguma vez compareceste diante do Purcell? — questionou ele.

— Não que eu me lembre — respondeu Ballard. — Acho que ele estava essencialmente no civil. E agora é o juiz principal, mas trata-se principalmente de um cargo administrativo.

— É uma pena ele não ir ao tribunal. Gostava de lhe dar uma espreitadela.

— Bem, e vais fazê-lo. Quero obter uma amostra de ADN dele o mais depressa possível.

— Sub-repticiamente?

— A não ser que conheças outra forma. Acho que não resultaria ir ao tribunal bater à porta do gabinete dele dizendo, «Olá, juiz, importa-se que recolha o seu ADN?»

— Pois, também acho. Então, em que estás a pensar?

Com uma pista sólida num caso por resolver bastante importante, Ballard não pretendia atrasar a investigação um dia, uma hora ou até um minuto. Este fora um caso a que dera prioridade desde o dia em que reativara a unidade.

— Bem, ainda não pensei muito nisso, mas os juízes estacionam numa garagem por baixo do edifício dos Tribunais Criminais. Estou a pensar que poderíamos apanhá-lo no final do dia e partir daí.

— Parece-me um plano. Tens a certeza de que posso manter o almoço e regressar depois? Não vamos precisar de ir à Baixa antes das quatro, é isso?

— Sim, mas quero que conheças bem o caso. Acabei de ir buscar a caixa.

— Regresso às duas, parece-te bem?

— Perfeito. Também tenho um almoço marcado. Vemo-nos logo à tarde.

— Não vamos tratar disto sozinhos, pois não?

— Não, vou tentar que o Paul e a Lilia regressem.

— Ótimo. Vemo-nos às duas.

— Combinado.

Ballard desligou e consultou o relógio. Dispunha de meia hora antes de ter de sair para o seu compromisso. Abriu o computador portátil e pôs-se *online* para consultar compras recentes com os cartões de crédito que tinha na carteira. Esperava que pelo menos um cartão tivesse sido usado para assim poder seguir a compra até ao ladrão, mas não houve qualquer atividade em nenhum deles.

Recostou-se e refletiu naquilo. Por norma, os cartões roubados e respetivos números eram vendidos rapidamente por ladrões a um segundo escalão de criminosos que operavam furiosamente numa corrida contra o tempo antes de a vítima do furto cancelar os cartões. Aparentemente, tal ainda não acontecera. Desapontada, ponderou nos eventuais motivos para tal e questionou-se se deveria cancelar os cartões ou deixá-los ativos com o potencial de gerar um rasto de pistas.

Hatteras enfiou a cabeça sobre a divisória, mas nada disse.

— O que se passa, Colleen?

— Estava só aqui a pensar se precisas que trate de algo.

— Não, vou sair para um compromisso. Não precisas de ficar.

— Tens a certeza?

— Tenho a certeza.

— Então, está bem.

Ballard devolveu o olhar ao ecrã e iniciou o procedimento de reportar os seus cartões de crédito roubados e requisitar uns novos.

# 5

O consultório da doutora Cathy Elingburg ficava a norte do aeroporto em Playa Vista, numa zona conhecida como Silicon Beach por causa de todas as tecnológicas e *start-ups* lá sediadas. Elingburg tratava essencialmente de tipos jovens das tecnologias com paranoias de competição e perturbações de sono. Tanto quanto Ballard sabia, era a única agente da lei na lista de clientes de Elingburg, e assim preferia. Não desejava que alguém com distintivo viesse a saber que consultava semanalmente uma psiquiatra. Bem podiam estar no século XXI, mas uma agente da polícia a consultar uma psiquiatra ainda era encarado por outros polícias como um sinal de fraqueza.

Chegou cedo e sentou-se na sala de espera, a observar os diplomas emoldurados da Universidade da Carolina do Norte Chapel Hill e Elon. Ambos foram outorgados a Helen Catherine Sharpe, uma indicação de que Elingburg era um apelido vindo do casamento. Nos cerca de oito meses em que Ballard a consultava, não lhe perguntara como é que alguém que estudou na Carolina do Norte acabou em Silicon Beach.

Ao meio-dia, Ballard ouviu a porta de saída do gabinete a abrir e fechar. O gabinete estava concebido de forma que um paciente de saída não se cruzasse com o paciente seguinte à espera. Era uma privacidade do agrado de Ballard.

Pouco depois, a porta do gabinete abriu-se e a doutora Elingburg recebeu Ballard no espaço retangular. À esquerda ficava uma secretária;

à direita uma zona para sentar que se assemelhava a uma típica sala de estar, com dois sofás, um de cada lado de uma mesinha de café, e assentos individuais nas extremidades. Tinham por hábito sentar-se uma em frente à outra nos sofás e Ballard assumiu o seu lugar habitual.

— Água? — perguntou Elingburg. — Café?

— Não é preciso, obrigada — respondeu Ballard.

Elingburg começou com uma conversa sobre a segunda-feira seguinte ser Dia do Presidente e feriado. Disse a Ballard que nesse dia não daria consultas e que poderiam alterar a marcação para outra data ou fazê-la via Zoom com Elingburg a ligar desde casa. Marcaram para a terça-feira a seguir no consultório e começaram a sessão.

— Então, comecemos. Como corre o seu dia?

— Bem, não começou da melhor forma. Quer dizer, de início foi bom… estava no mar… mas depois veio a merda.

— O que é que se passou? Trabalho?

— Não, o trabalho na verdade está a correr bem. Mas fui roubada quando estava na água. Fui até Staircases porque as aplicações indicaram que era o pico que estava a dar. Só que lá estaciona-se atrás da ribanceira. Da água não se vê o carro e estava lá alguém à espreita. Só podia. Viu-me a esconder a chave. Quando regressei da água, o meu crachá, a minha carteira com os meus cartões de crédito e a identificação da polícia e a minha arma tinham desaparecido.

— Oh, céus!

— Oh, sim, e o meu telemóvel. Passei parte da manhã na Apple Store. Por isso, não foi um bom começo.

— E agora, com vai ser? Participa aos seus chefes e eles investigam?

— Não contei a ninguém. É suposto reportar, mas, se o fizer, posso perder o emprego.

— O quê? Não foi culpa sua.

— Não importa. Se fosse homem e o reportasse, podiam dar-me uma ensaboadela por descuido. Mas, no meu caso, não sei bem. Tal como falámos antes, caminho sobre gelo fino lá na Baixa. Há gente só à espera de que eu meta a pata na poça para me transferirem para o desterro ou pura e simplesmente livrarem-se de mim. O cargo que

ocupo neste momento é onde preciso de estar. É onde sei que marco a diferença. Por isso, não posso comunicar isto, pois pode ser o que os levará a dizer, «Sabes uma coisa, vamos fazer uma mudança».

— Mas não pode andar por aí sem crachá nem arma.

— Tenho uma arma de reserva e uma pistola de tornozelo que o ladrão não viu no carro. — Ballard abriu o casaco para lhe mostrar o revólver de reserva no coldre da anca.

— E o crachá?

— Bem, tenho de o recuperar.

— Como?

— Vou procurar o merdas que o levou.

Elingburg limitou-se a menear a cabeça como quem pensa se tal será um bom plano.

— Bem, mas depois disso as coisas melhoraram — contou Ballard. — Pusemos em marcha um bom caso.

— O que é um bom caso? — quis saber Elingburg.

— Principalmente, um caso onde o suspeito ainda respira. E também em que leva a sua vidinha a achar que se safou. Alguém a quem vamos algemar.

— Vai somar pontos com isso.

— Foda-se, se vou! É só o que interessa.

Elingburg voltou a anuir e mudou de assunto.

— Há novidades em relação à sua mãe?

— Não, nada.

Da última vez que soubera da mãe, ela vivia algures em Maui, a ilha havaiana onde Renée fora abandonada aos catorze anos… até Tutu a encontrar e a levar para a Califórnia.

Maui fora devastada por incêndios florestais há seis meses. A cidade de Lahaina fora destruída e até agora tinham sido recuperados nas cinzas os restos mortais de quase uma centena de pessoas. Muitos permaneciam por identificar. Acreditava-se que Makani Ballard vivia na zona leste da ilha, longe dos incêndios, mas era frequente ir às compras ou procurar trabalho. De momento, encontrava-se na lista de desaparecidos.

— Na semana passada, liguei ao Dan, o meu contacto em Maui, mas não há novidades — contou Ballard. — Ainda há tantos CPI que vai levar meses.

— CPI?

— Corpos por identificar.

— Oh!

— No mundo da polícia usamos siglas para tudo. O meu tipo lá trabalha para algo que se chama TINO.

— O que significa isso?

— Task-force para a Identificação e Notificação de Óbitos. É uma designação horrível, por isso usamos siglas, atribuímos um acrónimo mais apelativo.

— É compreensível. Isto de não saber da sua mãe, se está sequer viva… suavizou o que sente por ela?

Havia estantes ao longo da parede atrás do sofá de Elingburg que se encontravam repletas de livros e estatuetas e outras bugigangas. Havia também um espelho emoldurado num suporte que Elingburg revelara previamente a Ballard ser utilizado em sessões com pacientes com problemas de imagem-corpo. Ballard via-se ao espelho no momento em ponderava na pergunta de Elingburg. Reparou na tensão nos seus olhos escuros e percebeu que estivera tão preocupada com o furto do crachá e da arma nessa manhã que se esquecera de prender o seu cabelo queimado pelo sol num rabo-de-cavalo para ir trabalhar. Caía, por escovar e desgrenhado, sobre os ombros.

— Suavizou o que sinto… — disse Ballard. — Não, nem por isso. Para mim é que como se ela tivesse morrido. Perdi a minha oportunidade de obter uma explicação da parte dela.

— Explicação para quê? — questionou Elingburg.

— Já sabe, por que raio é que foi para as colinas e me deixou assim.

— Abandonou, quer dizer.

Ballard assentiu.

— Acho que é um pouco difícil de dizer quando se trata da nossa própria mãe — disse.

— Isso é a culpabilização própria de que temos vindo a falar desde que me procurou — frisou Elingburg. — Não se deve a si, Renée. A sua mãe fez-lhe isto a si. E a Renée não fez nada para o merecer.

— Mas não percebo como é que não viu o suficiente em mim para ficar por perto. Quer dizer, tínhamos uma casa, tínhamos água, tínhamos um cavalo. Ela tinha-me, mas de algum modo… não lhe bastava.

Elingburg tinha um bloco e uma caneta pousados na mesinha de café. Pela primeira vez durante a sessão, pegou-lhes e anotou algo.

— O que escreveu?

— Trauma vicário.

— O que significa?

— É quando se partilha o trauma de outra pessoa. Pessoas que têm empregos onde veem tragédia e trauma a toda a hora… polícias, bombeiros, funcionários de urgências, soldados… exerce um efeito de segundo nível neles.

— E os psiquiatras? Também sofrem disso?

— Sim, pode acontecer.

— O que tem que ver com a minha mãe?

— Bem… acho que talvez subconscientemente tenha disfarçado o trauma da perda do seu pai e de ter sido abandonada pela sua mãe com trauma vicário do trabalho. Tomar as dores de terceiros para camuflar as nossas. E esse foi por muitos anos o seu escudo, até a morte da sua avó a deixar sem mais ninguém a não ser a sua mãe perdida algures por aí. Está a borbulhar até à superfície e é isso que lhe causa insónias. Está tudo a vir para a mente consciente.

Ballard sopesou aquilo. Era verdade que sentira a necessidade de conversar com alguém pouco depois de Tutu ter falecido. Era irónico que andasse a falar a Elingburg da sua mãe em sessões semanais depois de os fogos terem devastado Maui, possivelmente tirando-lhe a vida. Era quase como se a raiva e a dor que vertera nas sessões tivessem acendido as chamas.

— Então — diz por fim Ballard —, o que faço em relação a isso?

— Bem, como tenho dito desde o início, tem de parar de se culpar a si mesma pelas opções da sua mãe — respondeu Elingburg. — Não pode esquecer que ambas foram abandonadas pelo seu pai. O…

— Espere lá. Ele afogou-se, não nos abandonou.

— Tem razão. Não se tratou de um abandono intencional. Não foi uma escolha, como no caso da sua mãe. Afogou-se. Mas morreu levando um estilo de vida que sabia que poderia ser perigoso. Com tal, a partida dele foi para ambas semelhante a um abandono. Ela lidou mal com a situação, mas, sabe, algumas pessoas não são tão fortes como as outras. É forte, Renée. Portanto, aguentou este peso na sua mente, mas por vezes a mente cansa-se e baixa as defesas, e as coisas avançam.

Ballard permaneceu em silêncio ao refletir naquelas palavras. Procurara Elingburg um mês depois de Tutu ter falecido tranquilamente numa casa de repouso. As insónias começaram pouco depois da morte dela e uma busca no Google revelara Elingburg como especialista em perturbações de sono.

— E eu sei que hoje foi mau com as suas coisas a serem roubadas na praia — acrescentou Elingburg. — Mas não permita que isso a impeça de ir. A água é a sua salvação. Tem de ir para a água sempre que puder.

— Não se preocupe. Eu vou.